

Panorama

GENTE

Famoso depois dos 60



LIANE NEVES/ARQUIVO PESSOAL/JC

 Editor: Igor Natusch
 igor@jornaldocomercio.com.br

DULCE HELFER/DIVULGAÇÃO/JC


 Adriana Lampert
 adriana.lampert@gmail.com

Nascido em 30 de julho de 1906, na cidade de Alegrete (RS), o poeta, tradutor e jornalista Mario Quintana completaria 120 anos nesta quinta-feira. Sua trajetória rumo à consagração não deixa de ser um desafio quase poético a uma sociedade que idolatra histórias precoces de sucesso. Embora famoso localmente desde muito antes, somente a partir do final dos anos 1960, já com mais de 60 anos, o poeta tornou-se nacionalmente mais conhecido - concretizando, de forma curiosa, a profecia de

uma cartomante que havia consultado na juventude. “Ele era muito místico, acreditava em tudo, e ocorreu exatamente o que a vidente falou: a fama o atropelou após os 60”, pontua o biógrafo Gustavo Grandinetti, autor de *O passarinho do contra: uma biografia de Mario Quintana* (Editora Tordesilha).

O reconhecimento nacional, disparado por uma crônica publicada por Fausto Cunha e um artigo do crítico Paulo Mendes Campos na revista *Manchete*, chegou ao auge em 1980, quando recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras (ABL) e o Prêmio Jabuti de Personalidade

do Ano. Uma atenção que levou o introvertido poeta a deixar de lado a timidez e se candidatar, por três vezes consecutivas, a um assento como imortal na Academia.

A relação com a ABL revelou uma instigante contradição na personalidade do poeta. Além de historicamente recluso, Quintana era crítico ferrenho da instituição - à qual se referia com tom jocoso e por vezes agressivo. As grandes premiações de 1980 acabaram seduzindo o poeta, “corrompendo” sua postura arredia, opina Grandinetti.

A primeira tentativa ocorreu em 1981, contra o ex-ministro da Educação do governo Figueiredo,

Eduardo Portela. Quintana perdeu a disputa em razão do forte empenho do regime militar para eleger o ex-ministro, recém demitido. Indignado, o poeta deu uma entrevista demolidora à *Folha de S.Paulo*, criticando duramente a ABL e a ditadura. No mesmo ano, candidatou-se novamente. Segundo Grandinetti, Quintana entrou como favorito, mas acabou superado pelo romancista Orígenes Lessa após manobras de bastidor na reta final da votação.

Em 1982, tentou ser imortal pela terceira vez, sendo derrotado pelo jornalista político Carlos Castello Branco. Durante a disputa, cir-

cularam cópias de entrevistas em que Quintana ironizava a ABL, o que pesou contra o poeta.

O primeiro livro de poesias, *A rua dos cata-ventos*, foi publicado em 1940. Durante décadas, a sobrevivência financeira do escritor esteve vinculada ao trabalho como tradutor para a Editora Globo. Quintana dominava o francês, lido e falado em sua casa desde a infância, além de inglês e do espanhol. Entre 1953 e 1980, trabalhou com carteira assinada no *Correio do Povo*, onde manteve coluna no caderno de cultura - sua única fonte de renda regular continuada ao longo da vida adulta.

Morando em hotéis, Mario Quintana viveu últimos anos sem perder a curiosidade e a leveza

Não há, hoje em dia, quem não associe Quintana com a Casa de Cultura que leva o seu nome e que, como Hotel Majestic, foi durante muitos anos a residência do escritor. A decisão de viver em hotéis - incluindo também o Presidente, o Royal e o Porto Alegre Residence - foi, talvez, um dos aspectos mais visíveis de uma personalidade ao mesmo tempo introspectiva, inquieta e rebelde, incapaz de se ajustar às rotinas e convenções de um cotidiano que parecia mais fascinante visto de fora.

Segundo Gustavo Grandinetti, a opção por morar no Majestic veio da “total incapacidade e desinteresse para gerenciar afazeres diários, como pagar contas ou fazer compras”. Ele faz coro com amigos do escritor que desmentem a len-

da de que ele teria sido despejado do Majestic: o hotel simplesmente fechou por problemas financeiros e ele precisou sair. A partir daí, passou por outros endereços até se estabelecer em definitivo, contando sempre com o suporte de sua sobrinha-neta e de uma rede de apoio afetivo que incluía a secretária Sandra Ritzel e a fotógrafa Dulce Helfer, que se tornou amiga e o visitava constantemente durante seus últimos dez anos de vida.

Hoje com 55 anos e servidora do TRT-4, Sandra conta que conheceu Quintana aos 14 anos, durante uma entrevista escolar. Essa relação evoluiu para quase sete anos de convivência diária. Registrada formalmente como secretária, teve a faculdade de Direito paga pelo poeta, que a tratava como filha. Ela

lembra que Quintana tomava uma térmica de café sem açúcar por dia (“de doce já basta a vida”, dizia) e à noite lhe ditava os poemas, que ela copiava no papel para que ele reescrevesse no dia seguinte, “sem pressa alguma para publicar”.

No Porto Alegre Residence, para onde se mudou ao completar 80 anos e convidou Sandra a morar com ele, a rotina misturava rituais de criação e momentos de lazer. O poeta gostava de assistir a filmes de terror, ficção científica e clássicos de Chaplin, e recebia o carinho dos funcionários do hotel e das visitas de amigos e artistas. Dono de uma curiosidade viva, Quintana nutria especial predileção pela convivência com os mais jovens. “Ele me incentivou a estudar, a gostar de literatura, cinema

e cultura em geral. Tivemos uma relação bem fraterna. Ele era genial, sensível, sabia do seu valor como poeta, mas era uma pessoa simples”, recorda Sandra.

A servidora pública diz lamentar as correntes de mensagens e textos falsos que atribuem frases de autoajuda ao escritor na internet, defendendo a memória real do amigo. “Acho muito chato essa mania de deturpar a obra dele e publicar coisas inventadas. É um desrespeito à memória dele. Ele foi um poeta que era um orgulho para todo o Brasil. Tenho muita saudade física dele, de abraçar e contar minhas coisas. Ele foi um anjo na minha vida.”

Já Dulce relembra os rituais de Quintana, que gostava de ver televisão sem som, e o seu lado esoté-

rico, fascinado por pedras e astrologia oriental. Ela diz que guarda na memória a simplicidade e o desapego absoluto de Quintana pelas coisas materiais. Segundo a amiga, o poeta acumulava apenas presentes simples enviados por fãs e amigos, encontrava alegria na companhia genuína das pessoas e na liberdade de não ter luxos nem amarras. “Ele vivia uma vida inteiramente focada na literatura e no afeto das pessoas de quem gostava. Ele me ensinou muito sobre a leveza de viver. Lembro que, mesmo fraquinho ou doentinho, ele não perdia a curiosidade: queria caminhar pelos corredores dos hospitais e conversar com outros pacientes. Ele não tinha medo de morrer, dizia que ‘morrer não dói nada, o diabo é deixar de viver’”.